

**PENSANDO A PSICOLOGIA DA SAÚDE E SEUS PARADIGMAS A PARTIR DO
FILME “O ESCAFANDRO E A BORBOLETA”**

Emily Pinsetta Dalpian^a, Luan Anderson Dalmas^a e Pedro Henrique Conte Gil^a

a) Curso de Psicologia, Faculdade da Serra Gaúcha de Bento Gonçalves, RS.

Informações de Submissão

*Pedro Henrique Conte Gil, endereço: Rua 13 de Maio, 1130 -
Cidade Alta, Bento Gonçalves - RS, 95702-002.
E-mail: luan0562001@gmail.com

Palavras-chave:

Saúde. Doença. Equipe multidisciplinar.
Comunicação.

INTRODUÇÃO/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O filme “O escafandro e a Borboleta” (SCHNABEL, 2007) inicia com a cena de Jean-Dominique Bauby acordando de um coma, após ter sido acometido por um AVC e com alguns profissionais o examinando. O diálogo entre equipe médica e paciente é característico do paradigma mais atual da Medicina que, desde o século XIX, entende a importância de informar o paciente sobre sua condição médica e de cuidar dele, não apenas tratar (PEREIRA, BARROS, AUGUSTO, 2011; SONTAG, 2007). As alterações nos conceitos de saúde e de doença ocorreram após a transformação de paradigmas da Medicina, Psicologia e áreas correlatas e após a formulação do conceito de “saúde” estabelecido pela OMS em 1948, como “o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade” (SCLIAR, 2007, p. 37). Pretende-se, com este resumo expandido, relacionar o filme mencionado com as práticas hospitalares e os paradigmas da Psicologia da Saúde. **MATERIAL E MÉTODOS:** Trata-se de uma análise midiática e cultural (STEFFENS; HENRIQUES; FILHO, 2020) do filme “O Escafandro e a Borboleta” (SCHNABEL, 2007). Essa proposta metodológica consiste em explorar as características e potencialidades de produções audiovisuais, ao passo que possibilita uma articulação das cenas e materiais culturais com pressupostos teórico de diferentes áreas do conhecimento científico. Tendo em vista o paradigma epistemológico adotado neste material, utilizou-se de livros e artigos oriundos da Psicologia da Saúde para sustentação científica das percepções expostas e reflexões instigadas. **RESULTADOS**

E DISCUSSÕES: Auxiliado pela equipe multidisciplinar, especialmente pela fonoaudióloga e ortofonista, Jean-Dominique estabelece uma forma alternativa de comunicação, que considera suas limitações e possibilidades. Estilos alternativos de comunicação podem ser um problema para as equipes médicas e multiprofissionais, tendo em vista que, para o senso comum, a comunicação é entendida como um sinônimo da linguagem verbal (SILVA & SEABRA, 2022). Nesse sentido, as formas de comunicação para pacientes não verbais, tal qual a de Jean-Dominique, podem não ser exploradas pela equipe, limitando a compreensão do que o paciente expressa. Em determinado momento, a esposa e os filhos de Jean-Dominique o visitam no hospital, mesmo Jean tratando-os mal no passado, e sentindo que não conseguiria se desculpar no presente. Pode-se pensar que Jean acredita que sua doença é um castigo por ter desmerecido sua família, semelhante à percepção de que algumas doenças, como câncer, tuberculose e Aids, eram castigos individuais ou sociais (SONTAG, 2007). Além disso, Jean-Dominique expressa desejo de morrer em diversos momentos do filme, vontade postergada por um propósito maior: a escrita de seu livro, o relato de sua vida pós-acidente. Inscritas na sociedade ocidental, que evita a morte e o sofrimento, as personagens perpetuam a visão de que nenhuma morte pode ser boa porque corresponde à uma perda de alto valor (SANDMAN, 2002) e o cuidado deve seguir a bioética do fim da vida, que considera a proporcionalidade terapêutica, a prevenção, o não abandono, a autodeterminação, a qualidade de vida e a dignidade humana (FLORIANI, 2021). A partir do exposto, é possível pensar sobre a possibilidade de resgate da dignidade humana proporcionada pela relação profissional e afetiva entre paciente e equipe médica, visto que o cuidado da equipe, respaldado na visão moderna de doença como algo complexo (Sontag, 2007), é necessário para a evolução do quadro clínico do paciente e uma das melhores formas para entender a complexidade e resgatar a subjetividade da pessoa cuidada (Benevides et al., 2010). **CONCLUSÃO:** A análise acerca dos conceitos de saúde e de doença permite a reflexão sobre a importância desempenhada por uma equipe de saúde multi e interdisciplinar no tratamento de seus pacientes. Cada profissional irá enxergar o enfermo e sua doença de formas divergentes e com ênfase em suas respectivas áreas de formação, as quais exercem papéis complementares no decorrer do tratamento que visa não somente a cura, mas o resgate da subjetividade da pessoa enferma.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, D. S. et al.. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 32, p. 127–138, jan. 2010.

FLORIANI, C. A. Considerações bioéticas sobre os modelos de assistência no fim da vida. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 9, p. e00264320, 2021.

PEREIRA, T. T. S. O.; BARROS, M. N. dos S.; AUGUSTO, M. C. N. de A. O cuidado em saúde: o paradigma biopsicossocial e a subjetividade em foco. **Mental**, Barbacena, v. 9, n. 17, p. 523-536, dez. 2011.

SANDMAN L. What's the use of human dignity within palliative care? **Nursing Philosophy**. v.3, p. 177-181, 2002.

SCHNABEL, J. O Escafandro e a Borboleta. França/Estados Unidos, 2007.

SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SILVA, R. A. F. DA .; SEABRA, A. G.. Crianças surdas e experiências com a palavra escrita. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, p. e239142, 2022.

SONTAG, S. Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STEFFEN, L. S.; HENRIQUES, M. N ; FILHO, F. F. L. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação. **Intercom - RBCC**, v. 43, n. 3, p.21-39, set./dez. 2020, São Paulo.